

MÁGICAS PALAVRAS

Marcelo Conti

O homem de corpo forte e traços rudes puxa a cadeira que está à frente da escrivania, e com sotaque arrastado do Nordeste fala: “Escreve aí: *Querida Maíinha...*” Alguém anônimo, sentado do outro lado da mesa, passivamente escuta e segue com a caneta sobre uma folha de papel a trilha ditada que certamente fará a felicidade de uma “maíinha” perdida na imensidão do Brasil. Esta cena se repete diariamente em vários cantos das principais Capitais do Sudeste, onde se concentram milhares de cidadãos brasileiros que, infelizmente, ainda precisam literalmente de uma “mãozinha” para fazer chegar notícias suas a parentes distantes. No caso do exemplo acima, ocorreu de fato em São Paulo, numa das agências do “Poupatempo” – local onde estão reunidos todos os tipos de serviços públicos e, como o nome diz, objetiva minimizar o tempo de se providenciar um documento pessoal. Ali, num cantinho qualquer estão dispostas duas escrivaninhas, lado a lado, com abnegados voluntários de letras bonitas que se revezam a escrever as mais diversas mensagens que podemos imaginar...

Existem muitas e variadas evidências da evolução dessa forma de manifestação, que é a escrita, através dos tempos. Segundo os livros, as notícias dos primeiros sinais datam do século XIV AC, sendo que o mais antigo registro até o presente momento foi encontrado por arqueólogos num pedaço de barro, em Jerusalém, Israel, representado por símbolos cuneiformes (“diz-se de uma escrita dos assírios, persas e medos, usada em pedras e tabuinhas de barro cozido e cujos caracteres tinham a forma de cunha”, Michaelis).

Em 3500 AC a escrita foi uma das principais causas das origens e formação das Cidades e Estados, uma vez que existia a necessidade da contabilização dos produtos comerciais e das tarifas e impostos arrecadados; além de que o levantamento das obras exigia a criação de um sistema de sinais numéricos para a realização de cálculos geométricos.

Através dos tempos a escrita tem levado informação e conhecimento à humanidade. Evoluiu nos séculos em função da cultura de cada lugar, mas passou a ser o principal meio de comunicação e entendimento entre os povos. Registro inquestionável permite a perpetuação dos fatos através de gerações. E proporciona momentos de felicidade para quem, por exemplo, em lugar distante dá e recebe notícias.

Como no filme de Walter Salles, “Central do Brasil” cuja personagem “Dora”, interpretada por Fernanda Montenegro, escrevia diariamente cartas a quem assim desejasse, voluntários de profissões diversas também disponibilizam parte de seu tempo registrando em pedaços de papel diferentes manifestações, de e para diferentes públicos. E é curiosa essa diversidade porque, mesmo estando ali repetindo palavras, a possibilidade de se estar realizando uma tarefa que culminará com a satisfação de quem a pede, por si só já é compensadora.

Existem, no entanto, regras a seguir. Por exemplo, nada de palavras chulas, ou palavrões. Quem redige a mensagem não interfere na idéia, mas pode eventualmente sugerir a substituição de uma palavra por um sinônimo que, digamos, encaixe melhor no texto. Longas juras de amor, pedidos de desculpas, manifestações de saudades, notícias sobre saúde pessoal

e de parentes, desavenças financeiras, há de tudo um pouco. Pais e filhos, maridos e esposas, avós e netos, ou vice versa. Amigos, amantes, inimigos, parceiros de negócios. Gente que escreve aos programas de televisão pedindo casa, ajuda financeira. Religiosos, ateus, pessoas sozinhas, mal acompanhadas, são parte do imenso público que procura esta ajuda para, através da escrita, se manifestar.

O sigilo é a alma da preservação do serviço. A confidencialidade permite que aquela gente, na grande maioria humilde, volte para novos textos. E assim é feito.

Há, porém casos inevitáveis em que, dada alguma particularidade “vazam” pelos corredores e invariavelmente viram folclores falados para depois se transformarem em registros iguais a este, escrito. Como o de um senhor, aposentado, de timbre de voz forte, que inconformado com o não cumprimento das promessas por um político do bairro onde reside resolveu dar uma “canseira” no mesmo, e porque não dizer também no voluntário que o atendia. Pois ia diariamente, no mesmo horário, e a cada vez selecionava um tema para seu desabafo. Sua ida se transformou num evento, e tal como vemos na televisão o cidadão se postava diante de quem o atendia e derramava seu desencanto com a coisa pública de tal forma que era inevitável não ouvi-lo. O pior é que justamente quem deveria ouvir não o fazia. E o cidadão voltava no dia seguinte para nova enxurrada de desgosto. Certa vez o voluntário, por curiosidade, perguntou a ele porque sempre vinha naquele horário. *“Gosto da sua letra, cara...”* Como pode? Questionado por estar ali em função de não saber escrever, como chegara à conclusão de que a letra era bonita? *“Acho bonita. Redondinha, caprichada. Eu volto sempre com você, porque você escreve bem...”*

Na realidade, escrever bem significa refletir no papel como imagem de espelho a idéia e o pensamento e, no caso acima dizer por alguém. Ali não se conhece idade, profissão, índole, caráter. O gesto da manifestação é soberano, e a mensagem escrita é a forma pela qual se transformará a vida de pelo menos duas pessoas: remetente e destinatário. Porque “maíinha” não é “mãe”.

Perpetuando a vida com mágicas palavras, como tem sido através dos séculos.

Julho de 2011